

[Sobre...

Neste ensaio, usei a licenciatura poética para aproximar épocas, personagens e conhecimentos, e trazer o filósofo grego Diógenes de Sinope (viveu entre 404 e 323 a.C.) – e que ficou conhecido na História como “O Cínico” – para um improvável passeio pelo Brasil do nosso tempo...tudo isso, visando a fazermos um profundo refletir sobre nossas ações do dia-a-dia, condutas, anseios e dificuldades, enquanto sociedade brasileira...

18 de agosto de 2015

DIÓGENES NO PAÍS TUPINIQUIM

O pensador Diógenes, cansado da vida em Atenas, na Grécia, resolveu que queria viajar pelo mundo:

-Hoje, vou me mudar da Grécia, e seguirei para além do mar...dizem que, além do mar, há terras e terras, e outras gentes...

Diógenes então, lacrou o barril que lhe servia de casa, com algumas tábuas, e dirigiu-se aos muitos cachorros que lhe faziam companhia:

-Meus amigos, vou viajar pelo mundo, e não posso levá-los...mas, deposito grandes esperanças em cada um de vocês. Ao contrário dos homens...

Assim dizendo, o pensador rumou para o porto de Atenas. Lá chegando, passou a observar. Até que deu com um sujeito, encostado no começo da escada de uma grande caravela:

-Ei, navegante, para onde seguirá este barco?

-Não tem rumo certo...irá aonde houver riquezas para surrupiar...quer dizer, irá atrás de novos caminhos para o comércio...

-Hum...posso embarcar com vocês?

-Depende: O que você sabe fazer?

-Eu sei pensar!

-Pensar...pensar?

-É.

-Hum, não sei...mas, pode subir à bordo.

No outro dia, a grande embarcação zarpou e, dia após dia no mar, Diógenes...pensava. Até que a rotina à bordo foi quebrada, com o avistamento de outra embarcação, que vinha no sentido contrário!

As duas embarcações emparelharam, e o pensador, se esgueirando por entre caixas,

[continuação de “Diógenes no país tupiniquim”, de Luiz Fernando Liveira.....]

ferramentas e outras traquitanas espalhadas pelo convés, conseguiu ouvir os dois comandantes das naus, conversando:

-E aí, fulano, estás vindo de onde?

-Rapaz, nem te conto: Acabei de tomar posse de umas terras, valiosíssimas, para o rei do meu país!

-E como se deu isso?

-Olha, até que não foi difícil: O povo que mora lá, é muito ingênuo. Eu até havia preparado uns planos de falar para eles que “eu sou de uma civilização superior”, e que, por isso, eles tinham que se submeter às minhas vontades, mas nem foi preciso...

-Como assim? Eles não reagiram?

-Alguns até se aproximaram, ameaçadoramente...mas, bastou um tiro para o alto, para que todos eles se jogassem no chão, ajoelhados!

-Caramba!

-Pois é! E tem mais: Por algumas bugigangas de camelô, eles encheram esses baús, de ouro, prata – apontando para várias caixas repletas de riquezas, espalhadas pelo navio – ah, e me disseram que, se eu voltar com mais bugigangas e tralhas, eles vão me mostrar aonde tem mais ouro, diamantes, plantas para laboratórios fabricarem remédios caríssimos, metais raríssimos, que serão usados para fabricar uns ‘brinquedos do futuro’, chamados de computador, avião...

-Se eu não estivesse vendo esses baús ‘até o talo’ de ouro e pedras preciosas, não acreditaria...

-Pois acredite: A terra é muito rica! E já está em nome de ‘minha majestade’!

-Mas, você tomou posse de toda a terra? E como fica ‘o papai aqui’?

-Ora, não vamos brigar. Para que derramarmos NOSSO sangue, não é mesmo? Façamos assim: ‘Taqui o mapa de toda a terra. Aí, eu faço um risco aqui no meio. Essa parte aqui, já está em nome de minha majestade. Essa outra parte, é de quem chegar...

-Opa! Mas então, eu vou ‘me adiantar’, hein! Vai que cheguem outros, na minha frente...

-Pois vá logo, e não irá se arrepender! Lá, é fácil, fácil, engan...quer dizer, ‘tomar posse em nome de minha majestade’...

[continuação de "Diógenes no país tupiniquim", de Luiz Fernando Liveira.....]

-Mas, fulano, uma última dúvida: Esse povo de lá, não se importa de pegarmos todas as coisas dele?

-Claro que se importa! Mas aí, você diz que vai 'tomar posse': Eles não sabem o que isso significa!

-Como não? Eles não estudam?

-Muito raramente.

-Ué? E como eles aprendem?

-Aí é que está: Eles não aprendem. Eles dão muito mais valor à diversão. Se houver diversão, para eles está tudo bem.

-Entendi. E o que eles gostam de fazer, para se divertir?

-Ah, nisso eles são muito bons: Eles lotam grandes arenas e coliseus, e se estapeiam – e até se matam – por causa dos vários grupos que, dentro dessas arenas, correm atrás de um brinquedo redondo...

-Nossa!

-Eles também torcem furiosamente para outros grupos que, em certa época do ano, desfilam numa avenida, projetada especialmente para isso. O absurdo dessa prática de diversão é que, também, eles se estapeiam – e também se matam – em nome desses grupos...

-Tem mais?

-Claro que sim: Eles gostam de se reunir em grandes quantidades, em espaços amplos, à beira-mar. Para lá, eles levam comida, cachorros, veículos de transporte, 'tudo junto e misturado!' É uma farra só! Ah, e quando eles se reúnem nesses lugares, eles usam apenas pequenas peças de roupas, que não cobrem quase nada de seus corpos. Aliás, as moças de lá 'se esforçam' para manterem cobertos, tão somente, os olhos! Dizem, que é por causa do clima...

-Que maravilhaaaaa!

-Pois se é! E se eu fosse você, iria logo para lá.

-Pois é o que eu já vou fazer, fulano! 'Muchas Gracias!'

-Merci!

Quando as duas embarcações retomam seus cursos, o pensador Diógenes se mostra intrigado, e também decepcionado:

[continuação de “Diógenes no país tupiniquim”, de Luiz Fernando Liveira.....]

“-Mas então, até para essas bandas? E eu, que tinha esperanças com essas ‘novas terras’...”

Dias depois, Diógenes desembarca no ‘novo mundo’! Se dirige para uma praça, liga sua lanterna, e fica a observar...

Rapidamente, uma multidão começa a se juntar, ao redor dele. Até que, alguém pergunta?

-Quem é você?

-Sou chamado Diógenes.

-E por que essas roupas ‘esquisitas’? Parecem tão *retrô*! – afirma um outro.

-É que, na minha terra, se vestem assim.

-Você é um artista? – uma outra voz indaga.

-Eu penso!

-E porque você está com essa lanterna acesa, se no momento, é dia claro?

-É que eu estou procurando alguém honesto...

-Honesto? Aqui?

-...

A multidão caiu na gargalhada! E, tão rapidamente como se juntaram, se dispersaram. O pensador se viu só, de novo. Até que, vozes alteradas, lhes chamaram a atenção:

-Você é cego? Não viu que o sinal estava verde?

-Mas é que eu estou apressado...e você estava atravessando a faixa muito devagar...

-Ora, seu filho da p..., se o sinal está verde para mim, eu atravesso como eu bem entender, viu?

-‘Filho da p..., é a senhora sua mãe, sua vaca!

-Mas, porque vocês discutem? – o pensador se pegou perguntando.

-Esse corn... queria me atropelar! O sinal estava verde para mim!

-A senhora é muito ‘boca suja’, viu...e quer saber do que mais, vá tomar no c...!!!

[continuação de “Diógenes no país tupiniquim”, de Luiz Fernando Liveira.....]

E saiu cantando os pneus de seu carro, jogando a senhora por sobre a calçada. Algumas pessoas acudiram, mas a senhora já estava sem vida...

“-Eles se matam pelo simples fato de não terem paciência para esperarem seus momentos...” – o pensador concluiu.

Mais adiante, Diógenes encontrou outra multidão, com faixas e cartazes, gritando palavras de ordem:

-Fora, Vil-má! Fora, Vil-má!

O pensador foi arrastado pela turba, furiosa...até que, deu com uma mocinha ao seu lado, com o rosto pintado, e perguntou:

-Porque tudo isso?

-Não sei ao certo – respondeu a mocinha.

-Ué? Se você não sabe, porque está aqui?

-Ah, é que meus amigos vieram, e eu também vim, ‘só pra tirar onda!’

-...

E a multidão, seguia gritando:

-Polvo, seu molusco ladrão!

O pensador procurou alguém na turba que pudesse lhe explicar. Deu com um velhinho barbudo:

-Meu caro, o que fez o Polvo, para ser acusado de ladrão?

-Ele é um representante do proletariado que enganou seus consortes, desviando recursos, praticando tráfico de influência...

-O que é tráfico de influência?

-Não sei direito, mas que ele é ladrão, isso é! E ainda tem a cara de pau de dizer “Eu não sabia!”

-Mas, como ele fez tudo isso?

-É o seguinte: Ele e seu ‘grupo’, lutou pela implantação da democracia por aqui, foi eleito com a segunda maior quantidade de votos, da História...mas, quando ele e seu ‘grupo’ assumiram o poder, se deixaram levar por manobras escusas e corruptas...

-Ah, então ele foi eleito?

[continuação de “Diógenes no país tupiniquim”, de Luiz Fernando Liveira.....]

-Claro que sim, meu ‘sinhô’...quer dizer, eu acho que foi. Esse negócio de ‘urna eletrônica’, que só tem por aqui, num dá certeza de quem votou...

O pensador nem prestou mais atenção ao velhinho, e saiu caminhando, extasiado:

“-Aqui há Democracia! Que maravilha! Nem tudo está perdido, então...”

Mais à frente, continuava o coro:

-Vil-má, sua mãe duma va...!!!

-Mas, o que fez a Vil-má, para ser ultrajada assim? – indagou o pensador, a um grupo de jovens.

-É que ela é uma intransigente, mal-educada, e faz vista grossa para pilantras de seu partido político, que roubam e sucateiam os cofres da nação!

-Ah, então ela foi eleita pelo povo?

-Sim, é claro...

-E agora, o povo não a quer mais...?

-É que ela se corrompeu, se vendeu...parece que há um ‘vírus da corrupção’ no sangue daqueles que entram para a ‘política’, aqui...

-Ah...

E o pensador se viu refletindo:

“-Ué? Se ‘há um vírus da corrupção no sangue deles’, então o problema seria, também, genético: Eles já nascem corruptos, bastando somente a ‘oportunidade’, para esse ‘vírus’ se manifestar...?”

Mais à frente, essa turba furiosa, se encontrou com grupos que apoiavam a Vil-má e o Polvo, e ‘o pau cantou’...

Diógenes despertou, com fortes dores na cabeça...tinha hematomas e escoriações por todo o corpo. Estava deitado num corredor, por cima de uns trapos. Ao seu redor, haviam mais pessoas, gemendo de dor: Pessoas com ferimentos abertos, sangramentos, com membros arrancados...o odor terrível de carne humana em decomposição, era sentido intensamente...

“-Terei morrido, e estou no inferno...?” – indagou para si mesmo, o pensador.

O tempo foi passando. Pessoas que estavam por ali, a padecer, morriam. E ficavam jogadas por ali mesmo. Mais feridos, chegavam...

[continuação de "Diógenes no país tupiniquim", de Luiz Fernando Liveira.....]

Até que, viu alguém vestido de branco, se aproximar, e pôr a mão em sua frente:

-És um anjo?

A pessoa de branco, riu, e rapidamente, introduziu uma espécie de agulha com um líquido que vinha de um frasco, em um de seus braços. A sensação foi tal qual a picada de uma cobra. E, tão rapidamente como chegou, saiu.

O fato é que, tempos depois, o pensador se sentiu bem... melhor!

Apesar das dores que sentia por todo o corpo, conseguiu se levantar. E, caminhando com dificuldade, se dirigiu para uma porta...era a saída daquele prédio. Na fachada desse prédio, umas letras desgastadas formavam a frase: "Hospital Público".

Ele continuou caminhando. Ninguém lhe importunou, ou parou para lhe dizer nada. Apesar de estar com hematomas visíveis, ninguém se importava, cada um seguia seu caminho, indiferente e friamente...

"-É...esse povo parece estar se entorpecendo com a indiferença, que lhes faz não ter nenhum tipo de sentimento bom para com seu próximo...".

Sentindo tonturas, o pensador se agachou, numa calçada. As pessoas, continuavam a passar. Até que, não suportando mais as náuseas, o pensador foi se deitando...as pessoas continuavam a passar por ele. Até, por sobre ele...

O pensador recobrou o sentido, e percebeu que estava deitado, numa cama. Olhando ao redor, e não reconheceu o lugar. Parecia um quarto...

Até, que alguém apareceu:

-Até que enfim, o sr. acordou!

-...

-Então, meu velho: 'Tá melhor?

-...

-Eu lhe encontrei jogado, no meio da calçada. O sr. 'tava desmaiado. Como ninguém sabia quem o sr. era, eu lhe trouxe pra cá!

-Onde estou...?

-'Tá na minha casa, meu amigo!

-Sua casa...? Mas, você é escrava...

-Hein! Que isso, 'mano'? Se não tivesse tão ruim, e tão velho, eu te dava 'umas

[continuação de "Diógenes no país tupiniquim", de Luiz Fernando Liveira.....]

tapas'...que 'arrumação' é essa, de me chamar de 'escrava'? 'Tá doido?

-Você não é escrava...?

-Que que isso? Se continuar com esse 'lance' de 'escrava', 'vai rodar' do meu bangalô, 'vovô'...

-...

-Que maluco...

-Obviamente, eu me equivoquei, pelo que, peço seu perdão...é que, no meu país, pessoas como você, são escravas...

-Pois aqui, não é 'seu país', 'vovô'. Se 'liga'...

-Desculpe...

Desconcertado, o pensador grego faz um esforço para se pôr em pé. Chega numa janela:

-Que vista...linda!

-Agora falou bonito, 'vovô'! Aqui é a terra mais bonita do mundo!

-Então, você é cidadã livre...?

-Velinho, não 'tô te entendendo...mas, só 'pro teu comando', eu sou muito 'livre', sim: Trabalho, e com o dinheiro do meu trabalho, sustento minha casa, e pago meus estudos. Qual o problema?

O pensador olhava para a moça, demonstrando surpresa:

“-Uma mulher, negra, que é livre, e trabalha...? Que país é esse?” – pensou.

Algum tempo depois, e já se sentindo melhor, o pensador solicitou:

-Sem querer incomodá-la mais, mas seria possível você me encaminhar até onde ficam as embarcações...?

-Ih, 'vovô'...vai ter que esperar amanhecer. Agora, não dá para sair do 'setor'...

-...

-Nesse horário, não dá para sair, amigo. É a 'lei dos homens' do local...

-...

-É que...

[continuação de “Diógenes no país tupiniquim”, de Luiz Fernando Liveira.....]

No mesmo instante, uma rajada de arma de fogo, ecoou...e após essa, outra. E mais outra...a moça – num reflexo – se jogou no chão, arrastando consigo, o pensador.

Ficaram ali os dois, deitados no chão da casa humilde...até que, o barulho das armas de fogo, cessou. O pensador Diógenes então, indagou:

-Que barulhos eram esses, semelhantes a trovões?

-‘Trovões’? Ah, ‘vovô’ tu é muito esquisito mesmo, hein! De onde tu é?

-...

-É que aqui, ‘quem comanda’, é o pessoal do ‘movimento’, entende?

-...

-É o seguinte: Aqui, é terra sem lei. A única lei daqui, é a dos malfeitores. Se contrariá-los, tu morre...entendeu, agora?

-Mas...e a lei efetiva do estado, eleita pelo povo? Afinal, aqui é uma Democracia!

-Lh, ‘vovô’, ‘num viaja na maionese’...aqui ‘num’ tem esse negócio de ‘lei do estado’, não. Aqui, eles nem entram. Aliás, até eles têm envolvimento com o ‘movimento’. Eles só vêm aqui, quando é ‘época de eleição’. E prometem um monte de coisas que não podem cumprir, só pra enganar o povo...

-“Hum...já vi isso em algum lugar...” – pensou Diógenes.

Já pela manhã, a moça e o pensador saem de casa, e começam a caminhar. O pensador, se esgueirando com dificuldade por entre vielas e escadas, se virava como podia...

-E aí, ‘madame’, se deu bem, hein! – era uma mulher falando, da porta de um casebre, por onde passavam agora a moça e o pensador.

-Que folga é essa? ‘Te conheço, maluca?

-Fica aí, dando uma de certinha, que é estudante e tal, mas no final...arrasta gringo pro barraco.

Quando o pensador deu por si, viu as duas mulheres se estapeando, entre gritos e puxões de cabelos...!

Até que um tiro se fez ouvir, e as duas cessaram, instantaneamente!

-Que tá rolando aí? – um homem com cara de menino, com uma arma quase maior que ele, perguntou.

[continuação de “Diógenes no país tupiniquim”, de Luiz Fernando Liveira.....]

-É essa piranh... aí, que fica dando uma de moralista, mas vive arrastando macho pro barraco dela...

-Não é nada disso...

O homem com a arma na mão se aproxima das duas. Olha indiferente para o pensador, e fala:

-Quem é esse ‘tio’ aí, Anastácia?

-É um velho que ‘tava jogado lá no asfalto...foi pisoteado pela briga dos grupos dos partidos políticos...como não tinha ninguém para ajudá-lo, resolvi trazê-lo para minha casa...

-Que nada, ela trouxe ele pra... – a outra mulher parou de falar, ao perceber o olhar do bandido em sua direção e, rapidamente, se trancou dentro de sua casa.

-Sempre com esse coração grande, hein ‘belezura’... – o bandido falou, segurando o queixo da moça – já te disse, que não precisa te sacrificar com nada disso, pois eu posso te dar tudo...

A moça se desvencilhou da mão do facínora, demonstrando clara indignação, e praticamente arrastando o velho pensador, saiu correndo pela tábua em forma de ponte...

Atordoado com a infinidade de becos e escadas, e com o iminente perigo envolto na situação, Diógenes se pegou refletindo:

“-Um país, onde as mulheres podem ser livres e independentes, mas, que são discriminadas, justamente por serem livres e independentes”;

“-Um país, onde não há escravos, mas as pessoas se discriminam entre si, por causa das cores de suas peles, ou pelos lugares onde nasceram”;

“-Um país, onde há certos locais onde o poder oficializado não vai, deixando os cidadãos desses locais, à mercê de ‘poderes paralelos’”;

“-Um país, onde as pessoas se digladiam e se matam por causa de legendas e partidos políticos, mas fazem um esforço mínimo para adquirirem educação e conhecimento”;

“-Um país, onde as pessoas deixam de lado sentimentos de afeição ao próximo, se fechando em seus mundos particulares, geralmente egoístas e maldosos”;

“-Um país, onde os limites de cada pessoa não são respeitados...”

Ao chegarem ‘no asfalto’, o pensador percebeu a moça chorando:

[continuação de “Diógenes no país tupiniquim”, de Luiz Fernando Liveira.....]

-Porque choras, Anastácia?

-...

-Sei que não és o que aquela outra mulher insinuou...aliás, contigo aprendo grandiosa lição: “Mesmo no meio do lodaçal, é possível florir o lírio!”

Pela primeira vez, o pensador vislumbrou um sorriso, no rosto da moça.

-Minha mãe, antes de morrer, vítima de uma bala perdida, me disse o significado do meu nome...era de alguém que se tornara símbolo da luta por igualdade no meu país, em tempos idos...

No porto, o pensador se despediu de Anastácia. Enquanto observava a moça se afastar, no seu caminhar gracioso, o pensador refletiu:

“-Um país, onde as pessoas não se educam, porque o governo as impede, com medo de perder seu ‘poder de influência e manipulação’. E elas, por suas vezes, não fazem o mínimo esforço, para reverter esse quadro”;

“-Um povo dotado de grande potencial humano, mas que não sabe o poder que tem, justamente por desconhecer seus direitos e deveres”;

“-Um povo, que preza o supérfluo, e despreza o que deveria valorizar”;

“-Um povo passivo, e até mesmo, omissivo, que deposita suas responsabilidades e esperanças, nas mãos de seus representantes”;

“-Representantes esses que, por suas vezes, são totalmente avessos às suas obrigações morais e éticas para com o povo que lhe deposita suas esperanças”;

“-Representantes esses, que assumem cargos públicos, claramente intencionados na riqueza fácil e ilícita, às custas do sacrifício do povo que os elegeu”;

“-Representantes que não conseguem representar minimamente o povo que os elegeu, porque vivem constantemente envolvidos no lodaçal da corrupção”;

“-Um país com potencial de recursos hídricos e minerais, praticamente inesgotável...”

Assim pensando, Diógenes adentrou a embarcação. Dentro de poucos instantes, a mesma finalizou seus procedimentos, e zarpou...

Enquanto a nau costeava, buscando as águas em direção à sua Grécia, Diógenes, admirado com a geografia exuberante do país tupiniquim, concluiu:

[continuação de “Diógenes no país tupiniquim”, de Luiz Fernando Libetta.....]

“-O país tupiniquim, é um país de extremos...que, quando equilibrar esses ‘extremos’ – principalmente, nas questões de uma melhor distribuição de renda, e de igualdade social – será, certamente, a maior nação do mundo!”

Luiz Fernando Libetta